

REENCANTADA

ALMA
OTRA

AMOTRA

REENCANTADA

lucy jane wood

Tradução
Nathalia Marques



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2025

AMOTRA



Reencantada

Copyright © 2025 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2024 LUCY JANE WOOD

ISBN: 978-85-508-2593-9

Translated from original Rewitched. Copyright © 2024 by Lucy Jane Wood. ISBN 9781035045457. First published 2024 by Macmillan, an imprint of Pan Macmillan, a division of Macmillan Publishers International Limited. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

W876r

1.ed. Wood, Lucy Jane

Reencantada / Lucy Jane Wood ; tradução
Nathalia Marques. – 1.ed. – Rio de Janeiro :
Alta Books, 2025.

416 p. : 13,5 x 21 cm.

Título original: Rewitched.

ISBN 978-85-508-2593-9

1. Ficção de fantasia. I. Marques, Nathalia.
I. Título.

04-2025/89

CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de fantasia : Literatura inglesa 823

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illyssabelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Tradução: Nathalia Marques

Copidesque: Andresa Vidal

Revisão: Mariana Naime

Diagramação: Natalia Curupana


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouidoria: ouidoria@altabooks.com.br



ablr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORES INDEPENDENTES

ASSOCIADO



Editora
afiliada a:

*Para as garotas que cresceram sob o
encanto das bruxas e sempre souberam
que a magia estaria na ponta
de seus próprios dedos.*



AMOTRA

AMOTRA

ALGO MACABRO



Um bruxo sempre será capaz de sentir a presença de outra pessoa nascida com a persuasão mágica. Antes de qualquer apresentação ser feita, antes de qualquer magia propriamente dita ser exibida, o bruxo subconscientemente percebe a chegada de seu semelhante. Primeiro, ele consegue sentir isso em sua própria pele. Começa o formigamento, uma sensação efervescente e elétrica, desencadeando arrepios nos braços que logo evoluem para um tremor. Também sentirá uma mudança no sabor do ar, que se torna mais acentuado, doce, quase com um toque de cobre. O cheiro que vem em seguida é característico, como terra, brasas e maçãs caramelizadas crocantes, combinando-se para formar um aroma intenso e rico, que só pode ser descrito como o aconchego de um lar. E, acima de tudo, vem a sensação de comichão nas orelhas, assim como nos polegares, o que acenderá uma faísca e atizará as brasas da intuição. O próprio som dos passos de um bruxo sussurrará que alguém está se aproximando.

Infelizmente para Belle, essa valiosa percepção de como as coisas funcionavam se mostrou completamente inútil, pois, aos

29 anos, 363 dias e algumas horas de idade, ela ainda não havia se deparado com outro bruxo. Exceto por sua própria mãe, é claro, e sua avó, que já estava do outro lado do véu há muitos anos. Houve também uma visita breve, surpreendente e um tanto constrangedora, de uma dupla de líderes do coven, que apareceram em seu décimo quinto aniversário para iniciar o longo processo de obscurecimento da jovem. Mas Belle tinha poucas lembranças disso, já que tinha achado tudo aquilo extremamente constrangedor e passou a maior parte da cerimônia escondida atrás do próprio cabelo, corando e desejando que tudo aquilo terminasse o mais rápido possível. Desde que seus poderes foram instaurados, ela não entrou em contato com o coven nenhuma vez e foi deixada à própria sorte para explorar as possibilidades da magia, como era de costume.

Crescer em meio aos feitiços pacíficos e bondosos da mãe no dia a dia significava que uma noção intrínseca de magia estava sempre à sua volta. Não houve um grande momento de reconhecimento, porque sempre esteve ali. O fluxo de magia que emanava de Bonnie envolvia Belle sempre que estava perto da mãe, e era tão normal que a jovem mal percebia o impacto.

Belle já havia deixado de esperar por um encontro com outro bruxo há muito tempo. Seu tipo era raro nos dias de hoje, e aparentemente se tornava mais raro a cada geração, e ela não tinha a menor intenção de sair à procura delas e arriscar se meter em problemas. Ela vivia tranquilamente no mundo dos não bruxos e não tinha problema algum com isso.

— Belle, quantas vezes já falei sobre os cartões de fidelidade? Você anda distribuindo eles a torto e a direito, e está me custando uma fortuna.

Violet era uma empresária impecável. Seus ternos caros tinham sempre um tom suave de azul ou roxo (um hábito de uma vida inteira que lhe rendeu um apelido curioso), e os cabelos prateados eram arrumados e modelados duas vezes por semana. Hoje em dia, ela caminhava devagar, mas com propósito, apoiada em

uma longa bengala de prata, e sempre teve uma impressionante coleção de echarpes vintage. Em todos os anos trabalhando na Livraria Lunar, Belle tinha quase certeza de que nunca havia visto Violet usar a mesma echarpe duas vezes. Embora ainda supervisionasse o que acontecia, Vi há algum tempo havia reduzido sua presença na loja, aparecendo apenas uma ou duas vezes por semana para passar o dedo na poeira, apertar as bochechas de todos e garantir que Belle não estivesse fazendo algo tão tolo quanto distribuir dois cartões de fidelidade em vez de um.

— Vi — respondeu Belle por cima do ombro enquanto encaixava uma pilha de lançamentos em um lugar provisório. — São duas da tarde de uma quinta-feira e o lugar está lotado. Acho que não precisa se preocupar comigo distribuindo marcadores de papel. — Ela ficou na ponta dos pés para alcançar a prateleira mais alta que abrigava uma coleção particularmente volumosa de mitologia e, em seguida, abriu caminho educadamente através do mar de clientes em direção à sua chefe.

Violet dirigiu-lhe um olhar ligeiramente envergonhado enquanto entregava a ela alguns livros de capa dura que estavam fora do lugar.

— Bem, você sabe que eu não me importo de verdade. Eu até gostava de quando você colocava os cartões de fidelidade dentro de cada livro, como um pequeno agrado. Mas Christopher diz que, se contarmos cada moeda, as notas...

— Christopher fala demais — interrompeu Belle. Violet ergueu as sobrancelhas, e Belle cuidadosamente se controlou. — O que é ótimo, adoro as opiniões dele. Obviamente. — Ela pigarreou. — Só estou me adaptando à sua presença e às mudanças que anda fazendo.

— Mudanças que, segundo ele, já deveríamos ter feito há muito tempo — ponderou Violet.

— Certo. É só que as sugestões dele... Bem, não combinam muito com a experiência que todo mundo sempre buscou aqui na Livraria Lunar.

— Tenho plena consciência de que vocês dois têm ideias diferentes sobre o futuro deste lugar. Mas também sabem que, se dependesse de mim, eu jamais teria envolvido meu filho nisso. Que escolha vocês me deixaram? — Violet dirigiu-lhe um olhar incisivo sob uma sobancelha erguida.

Belle suspirou.

— Qual é, Vi. Já tivemos essa discussão centenas de vezes.

— Se ao menos você parasse de ser tão egoísta e atendesse ao desejo de uma pobre senhorinha... — Violet exibia uma expressão triste, mas abriu um sorriso enquanto folheava um livro infantil sobre um internato com as pontas dos dedos, as unhas perfeitamente feitas e pintadas de vermelho.

Belle semicerrou os olhos para a chefe.

— Você não é nenhuma senhorinha. É um perigo para a sociedade.

— Não sei do que está falando. Sou só uma senhora inocente e doente que deseja apenas deixar seu querido negócio nas mãos de quem o ama mais — disse Violet. — Você poderia administrar tudo como bem entendesse, e eu poderia passar minhas tardes no teatro em vez de ficar te incomodando sobre os níveis decrescentes de estoque...

— Será que nunca vai desistir disso? — interrompeu Belle com uma irritação afetuosa. Secretamente, sentia-se tocada pelo quanto Violet queria vender a loja para ela, da qual tanto se orgulhava e se alegrava, tendo começado essa empreitada há anos.

— Só quando assinarmos os papéis. E nós vamos — respondeu Violet com um aceno confiante, agora examinando a mesa de Leituras de Outono e ajustando um livro milímetro por milímetro até deixá-lo no ângulo exato.

— E nós não vamos — corrigiu Belle. — Eu já disse um milhão de vezes: não tenho como administrar este lugar sozinha. — Ela passou pela mesa de carvalho, organizando os cartões de felicitações e a pequena seleção de buquês de flores da estação que enfeitavam a área do caixa enquanto passava. Eles eram

compostos de miniabóboras e rabos de coelho em tons suaves para marcar o início de outubro, com um sutil encantamento de *Floresco Bellus* nos caules, mantendo-os sempre frescos.

— Ah, quantas vezes vou precisar repetir, Belle? Você não estaria sozinha. — Desta vez, Violet soltou um som audível de reprovação.

— Jim e Monica ficam aqui a semana inteira, e aquela garota nova com o maldito piercing no nariz vem durante o fim de semana.

— Você sabe o que quero dizer. Estou falando sobre assumir o controle. Não é exatamente a minha especialidade. Eu meio que só... sigo a corrente?

— Não fiz nada de útil por aqui desde que a prensa tipográfica era considerada tecnologia de ponta. Todas as boas ideias dos últimos anos foram suas.

— Mas a loja ainda é seu bebê. Só fico por aqui garantindo que os livros cheguem, saiam, e os clientes fiquem satisfeitos. É basicamente isso.

— E o que há para fazer além disso? Nós duas sabemos que você administra o lugar praticamente sozinha. Já estou velha demais para isso e tenho coisas melhores para fazer do que ficar recomendando romances policiais para as massas.

— Não há nada de errado com romances policiais. Você só é esnobe, Vi. E sabe como eu sou, provavelmente levaria a loja à falência dentro de alguns meses.

— Menos autodepreciação, por favor. Não aguento isso. Você é uma mulher altamente capaz e inteligente em quem confio implicitamente. Praticou sua magia aqui por mais tempo do que eu gostaria de me lembrar. — Nesse momento, Belle se engasgou com o ar e começou a tossir, recebendo uma batida nas costas de Violet. — Principalmente porque isso me envelhece terrivelmente. Você só está com medo demais de correr um risco — continuou Violet — e se importa demais com o que pode dar errado. — Ela apontou uma unha afiada e brilhante para Belle.

— Você é muito boa em elogiar e insultar ao mesmo tempo. — Belle franziu a testa, voltando para o seu lugar atrás do caixa.

Violet se encostou no balcão de mármore verde e pegou um espelhinho de bolso para arrumar um fio de cabelo fora do lugar.

— É uma arte refinada. — Ela franziu os lábios. — Mas se você continuar a recusar minha oferta brilhante, sabe que não terei escolha a não ser deixar Christopher no comando. Não confiaria esse trabalho a um estranho. Se eu quiser realmente desfrutar de uma aposentadoria em cruzeiros de luxo e comprinhas, a Lunar precisa estar nas mãos de alguém capacitado. E Christopher *é* capacitado.

— É claro — disse Belle placidamente, engolindo o orgulho com um suspiro profundo. — O homem pode até não saber distinguir um livro de bolso de uma abóbora, mas entende de lucros e perdas.

Belle esperava que a música escolhida naquela manhã fosse suficiente para abafar os sons nada sutis vindos do escritório dos fundos, onde Christopher se revezava entre soltar palavões e gargalhar pretensiosamente enquanto falava ao telefone com um associado. Ela estremeceu ao ver um cliente distraído virar a cabeça em direção ao barulho.

Christopher parecia entender *somente* de lucros e perdas, tomando decisões que partiam o coração de Belle um pouco mais a cada dia. Nos dois anos desde que Violet decidira se afastar e, ainda que relutantemente, entregar as rédeas ao filho corporativo, ele vinha gradualmente desfazendo-se das ideias que a própria Belle implementara na Lunar desde que havia começado a trabalhar lá, há quase dez anos. O precioso carrinho de café e docinhos foi o primeiro a ser eliminado pois, segundo Christopher, cappuccinos “transformam o lugar em um encontro de mães”. O festival anual de livros da colheita que ela organizava em colaboração com outras empresas locais o fez rir tanto que ele chegou a genuinamente bater com a mão no joelho. Ainda mais preocupante, há alguns dias ela o ouvira discutindo em alto e bom tom sobre como os funcionários mais jovens estavam se mantendo na folha de pagamento por um fio. Essa foi a gota

d'água, e Belle decidiu informar Violet sobre as decisões questionáveis dele. Mas Christopher rapidamente interveio, insistindo que ela estava sendo dramática, rindo e envolvendo Violet com seu charme, como de costume. Belle guardava para si a realidade do quão ruins as coisas haviam se tornado, como uma pedra fria e dura em seu sapato.

— De alguma forma, eu pisquei e agora o mundo lá fora é moderno, Belle — disse Violet. — Eu definitivamente não consigo acompanhar os novos tempos, mas ele vai garantir que este lugar consiga.

— Este lugar não deveria acompanhar os novos tempos — disse Belle. — Ele deve existir em sua própria bolha de aconchego, separada do mundo real.

— Quem me dera — respondeu Violet, com um suspiro. — Vejo você na semana que vem. Te ligo sobre aqueles números de agosto. — Ela se inclinou para dar um beijo no rosto de Belle, deixando a habitual marquinha de batom magenta, um leve toque de pelinhos e uma fragrância adocicada de perfume.

— Até mais, Vi — disse Belle afetuosamente, acenando enquanto ela se dirigia até o reluzente carro preto que a aguardava para levá-la até sua casa igualmente impecável. Violet era absurdamente rica, tendo vivido uma vida nos palcos como uma estrela de teatro, até ter sua carreira interrompida por uma lesão nas cordas vocais e a recuperação tê-la feito descobrir o mundo revigorante dos livros. Belle enfiou as mãos nos bolsos do avental jeans, bordado com as fases da lua na frente, símbolos da Lunar, e sua mente vagou de volta ao campo de batalha habitual.

Aceitar a oferta de Violet e realmente comprar a Livraria Lunar era um sonho que sempre pareceu grande demais. E toda vez que Violet tocava no assunto, lembrando-a da oportunidade que ela estava deixando escapar, ela se sentia recuando da ideia ainda mais.

Havia tanta coisa que poderia dar errado. Ela não fazia a menor ideia de como seria o processo, e suas economias, apesar de